

O NÚCLEO EGÍPCIO DA COLECÇÃO ASSIS FERREIRA

Por LUÍS MANUEL DE ARAÚJO

*Assistente da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

Abstract

Thought without the quality of foreign private collections, in Portugal there are several collectors of antiquities who have some egyptian pieces. That's the case of Dr. Rui Assis Ferreira, who includes in his interesting collection of egyptian antiquities one vase in alabaster from Archaic Period or Old Kingdom, one fragment of amulet representing the god Bes, three statuettes (two in stone and one in bronze) and seven funerary statuettes (shawabtis or ushebtis) belonging to the Third Intermediate Period and the Late Period.

(Página deixada propositadamente em branco)

Embora desde há uns três anos tivéssemos conhecimento da existência da colecção Assis Ferreira, só a partir de Março de 1994 foi possível proceder à sua observação criteriosa. Dois motivos fundamentais vieram concorrer para o sucessivo adiamento do seu estudo: o empenhamento do investigador na preparação para exposição da colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia, e na redacção do respectivo catálogo, enquanto comissário científico convidado para esse efeito pelo Instituto Português de Museus⁽¹⁾ e o facto de o coleccionador ter prosseguido o enriquecimento do núcleo egípcio da sua colecção de antiguidades, com a aquisição cíclica de novos objectos.

O Dr. Rui Assis Ferreira é um coleccionador consciente, revelando um indispensável cuidado e apreciável gosto estético na aquisição das suas peças, documentando-se previamente para esse efeito. O seu pequeno mas interessante núcleo egípcio vem juntar-se a outros acervos privados existentes em Portugal, como as colecções Miguel Barbosa, Sam Levy, Amaral Cabral, Sá Nogueira, Fernando Freitas Simões e Luís Teixeira da Mota, entre outras ainda em fase de estudo, contribuindo desta forma para aumentar o já sublinhável número de peças do antigo Egipto no nosso país⁽²⁾.

Ao Dr. Rui Assis Ferreira agradecemos toda a amabilidade e as facilidades concedidas para o estudo e subsequente publicação dos materiais do seu acervo egiptológico, e ao Professor Doutor Josep Padró, da Faculdade de Geografia e História da Universidade de Barcelona e colaborador do mestrado em História e Cultura Pré-Clássica da Faculdade de Letras de Lisboa (Instituto Oriental), estamos gratos pela ajuda que nos prestou neste trabalho, nomeadamente na interpretação dos textos hieroglíficos presentes em algumas estatuetas funerárias.

Mais colecções privadas de antiguidades egípcias existem certamente no nosso país, procurando-se neste momento indagar acerca dos seus proprietários para se propor o respectivo estudo e a sua necessária divulgação. Recordemos, a propósito, que algumas colecções privadas de antiguidades egípcias contribuíram para o enriquecimento do acervo do Museu Nacional de Arqueologia, aberto ao público em Dezembro de 1993: as colecções da família Palmela, Barros e Sá e Bustorff Silva⁽³⁾.

O pequeno núcleo egiptológico do Dr. Assis Ferreira é constituído pelos seguintes objectos:

- 1 – Vaso em alabastro
- 2 – Chauabti de Djedmontuiuefankh em faiança azul
- 3 – Chauabti de Gautsechnu em faiança azul
- 4 – Chauabti de Pabasa em faiança verde
- 5 – Chauabti de Ta(...) em faiança verde
- 6 – Uchebti em faiança verde
- 7 – Uchebti de Tanetperet em faiança verde
- 8 – Uchebti de Padiisit em faiança azul
- 9 – Estatueta de Nefertum em pedra
- 10 – Estatueta de Ísis em pedra
- 11 – Estatueta de Osíris em bronze
- 12 – Fragmento de amuleto de Bes em faiança

A peça mais antiga deste núcleo é um vaso em alabastro, datado da Época Arcaica ou de princípios do Império Antigo (entre 3000 e 2600 a. C.). O pequeno acervo inclui sete estatuetas funerárias de diferentes épocas, demonstrando assim a preferência que se detecta entre os vários coleccionadores pela aquisição de tão típicas figurinhas ligadas à crença na eternidade. Embora as tipologias dos chauabtis e uchebtis que aqui se apresentam também se detectem em várias colecções portuguesas (Museu Nacional de Arqueologia, Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa e Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências do Porto, entre outras) alguns dos nomes dos defuntos preservados nas respectivas inscrições são inéditos em relação aos materiais existentes no nosso país⁽⁴⁾.

O nome de chauabti atribuído às estatuetas funerárias remonta ao Império Médio (cerca de 2040 a 1780 a. C.), altura em que apareceram as primeiras figuras feitas em madeira de perseia (*chauab*), produzidas depois, a partir do Império Novo (iniciado em 1550 a. C.) preferentemente em faiança e em terracota ou, em menor escala, em metal⁽⁵⁾. Mais tarde,

a partir de finais da XXI dinastia (no pontificado do sumo sacerdote de Amon Pinedjem II) as estatuetas passaram a ser chamadas de *uchebti*, expressão traduzível por «respondedor», derivada do verbo responder (*ucheb*), a qual se manteria ao longo do Terceiro Período Intermediário (séculos X-VII a. C.), e durante a derradeira Época Greco-romana, embora a antiga forma de *chauabti* nunca tivesse desaparecido totalmente. A designação de *uchebti* correspondia ao facto de então se admitir que as figurinhas depositadas no túmulo em grande número⁽⁶⁾ deveriam responder à chamada em nome do defunto quando este fosse requisitado para trabalhar nos osíricos campos do Além.

Três estatuetas e um fragmento de amuleto básico completam a colecção Assis Ferreira. Duas das estatuetas são em pedra, apenas com a parte superior, e outra é em bronze, de boa feitura, felizmente completa. As figuras representam os deuses Nefertum (venerado sobretudo na região menfita), Osiris e sua esposa, a deusa Ísis, sendo estas duas divindades objecto de uma grande veneração na fase derradeira da civilização egípcia, a par do muito divulgado e popular deus Bes⁽⁷⁾.

Descrição dos objectos

1 – Vaso

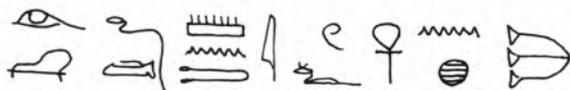
Vaso cilíndrico em alabastro, com as paredes ligeiramente côncavas, de bordo plano e apresentando ligeiras fracturas, lábio com arestas para fora e boleado para dentro. A base é de fundo plano e o interior escavado alcança quase o fundo do recipiente⁽⁸⁾.

Dimensões: Alt.: 8,7 cm; Larg.: 6,1 cm; Diâm. da boca: 4,2 cm

Cronologia: Época Arcaica ou Império Antigo, c. 3000-2600 a. C.

2 – Chauabti de Djedmontuiuefankh

Figura humana mumiforme em faiança azul clara, com detalhes em relevo (cabeleira tripartida e braços cruzados à frente) e pintados a preto (olhos e sobrancelhas, os alviões, inscrição hieroglífica, fita no cabelo e cesto nas costas com duas pegadas). A inscrição hieroglífica apresenta-se em posição frontal, na vertical e sem enquadramento, dando-nos o nome do proprietário: Djedmontuiuefankh. Este complexo nome teóforo tem a tradução de «Montu diz que ele está vivo»⁽⁹⁾.



Texto: *Wsir Dd-mnt(w)-iw.f-^cnlj m3^c-hrw*

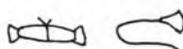
Tradução: «Osiris Djedmontuiuefankh, justificado.»

Dimensões: Alt.: 10,1 cm; Larg.: 3,8 cm

Cronologia: Terceiro Período Intermediário, XXI dinastia, séculos XI-X a. C.

3 – Chauabti de Gautsechnu

Figura humana mumiforme em faiança azul clara, com detalhes em relevo (cabeleira tripartida e braços cruzados à frente) os quais também são visíveis nos traços do rosto expressivo (olhos, nariz, boca e orelhas). Os detalhes pintados a negro fazem salientar os hieróglifos da inscrição, os alviões, a fita no cabelo, com algumas estrias verticais, e o cesto reticulado que se encontra nas costas. Já pouco resta da inscrição hieroglífica frontal, na posição vertical e sem enquadramento, mas ainda se percebe o nome feminino de Gautsechnu, isto é, em tradução portuguesa, «Ramo de Lótus»⁽¹⁰⁾.



Texto: (...) *G3wt-sšnw* (...)

Tradução: «(...) Gautsechnu (...)»⁽¹¹⁾.

Dimensões: Alt.: 12,5 cm; Larg.: 4,3 cm

Cronologia: Terceiro Período Intermediário, XXI dinastia, séculos XI-X a. C.

4 – Chauabti de Pabasa

Figura humana mumiforme em faiança verde com tons acastanhados nos lados e no peito e parcialmente nas costas. A figura foi cuidadosamente modelada, com esmerados pormenores anatómicos no rosto (olhos e sobrancelhas, nariz, boca e orelhas), apresentando bons detalhes em relevo (cabeleira tripartida e mãos que se unem à frente pelos polegares, em oposição) e pintados a preto (fita na cabeleira, alviões, inscrição hieroglífica, laço na fita atado atrás e cesto com pegas nas costas). A parte de trás é lisa, com cortes marcando o final da cabeleira

e do cesto. A inscrição hieroglífica frontal na vertical apresenta-se em bons signos cursivos⁽¹²⁾.



Texto: *Wsir* ^{c3} (n) *šw m pr P3-b3-s3 m3^c-hrw*

Tradução: «Osíris chefe dos jardins da casa (?), Pabasa, justificado.»⁽¹³⁾

Dimensões: Alt.: 9,5 cm; Larg.: 3 cm

Cronologia: Terceiro Período Intermediário, XXI dinastia?, séculos X-IX a. C.

5 – Chauabti de Ta(...)

Figura humana mumiforme em faiança verde de tons acastanhados nos lados e nas costas, com detalhes em relevo (cabeleira tripartida e braços cruzados à frente) e pintados a preto (olhos, boca, inscrição hieroglífica, apresentando vestígios de colar de quatro voltas, dos alviões, de fita com laço e do cesto atrás). A inscrição hieroglífica frontal na vertical, que só parcialmente se consegue ler, está enquadrada por duas linhas também pintadas a preto⁽¹⁴⁾.



Texto: *shd Wsir nbt-pr T3 (...)*

Tradução: «Que brilhe a Osíris dona de casa Ta (...).»

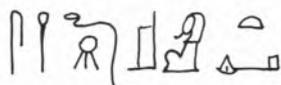
Dimensões: Alt.: 11,7 cm; Larg.: 3,4 cm

Cronologia: Terceiro Período Intermediário, XXI dinastia?, séculos X-IX a. C.

6 – Uchebti

Figura humana mumiforme em faiança verde clara, com bons detalhes em relevo: olhos e sobrancelhas, nariz, boca, orelhas, pêra osírica, mãos, com um alvião na mão direita e um sacho na esquerda. Não exhibe nas costas o característico cesto dos trabalhadores do Além. Como sucede com as estatuetas da Época Baixa, tem pilar dorsal, separado do final da cabeleira por uma incisão, e pequena base quadrangular. A ins-

crição hieroglífica apresenta-se gravada na vertical em posição frontal e enquadrada, sendo praticamente ilegível⁽¹⁵⁾.



Texto: *shd Wsir*

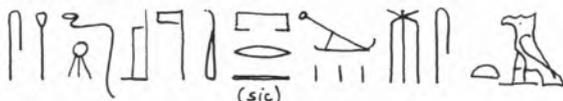
Tradução: «Que brilhe o Osiris (...).»

Dimensões: Alt.: 11,2 cm; Larg.: 2,7 cm

Cronologia: Época Baixa, XXVI dinastia, séculos VII-VI a. C.

7 – Uchebti de Tanetperet

Figura humana mumiforme em faiança verde escura, com algumas manchas castanhas concentradas sobretudo na parte superior do lado esquerdo e disseminadas pelas costas. A estatueta encontra-se partida pelos tornozelos, não apresentando por isso a base quadrangular, além de interromper o texto hieroglífico. Tem detalhes em relevo (cabeleira tripartida, traços do rosto, pêra osírica, mãos e alviões), cesto sobre o ombro esquerdo em incisão reticulada e inscrição hieroglífica frontal delimitada. Como é típico das estatuetas funerárias datadas da Época Baixa e do período ptolemaico, tem atrás o pilar dorsal separado da cabeleira⁽¹⁶⁾.



Texto: *shd Wsir T3-nt-prt ms (n) T3...*

Tradução: «Que brilhe a Osiris Tanetperet, filha de Ta(...).»⁽¹⁷⁾

Dimensões: Alt.: 9,8 cm; Larg.: 2,9 cm

Cronologia: Época Baixa, XXX dinastia (?), século IV a. C.

8 – Uchebti de Padiisit

Figura humana mumiforme em faiança azul escura, parcialmente acastanhada atrás. Assenta sobre um pequeno pedestal e tem pilar dorsal separado da cabeleira por um traço inciso. Apresenta detalhes em relevo (cabeleira tripartida de linhas curvas, traços do rosto, pêra osírica, mãos com alviões) e exhibe o cesto sobre o ombro esquerdo em incisão reticulada. A inscrição hieroglífica incisa apresenta-se em posição vertical no pilar dorsal, sendo a sua parte final de leitura incerta⁽¹⁸⁾.

nidade são o *nekhakha* na mão direita e o *hekat* na mão esquerda, esta colocada mais abaixo, dado que as mãos se afrontam desalinhas. A peça tem espigão para fixação à base original, provavelmente em madeira, já desaparecida⁽²¹⁾.

Dimensões: Alt.: 10,5 cm (sem o espigão); Larg.: 3,2 cm

Cronologia: Época Baixa ou período ptolemaico, séculos VII-II a. C.

12 – Bes

Fragmento de um amuleto em faiança verde representando o deus Bes, do qual resta apenas a parte superior do rosto coberto pelo típico penacho. Traços em tonalidade mais clara marcam os detalhes do rosto (olhos, sobrancelhas, nariz e orelhas) e ainda a base e limite superior do penacho. A parte posterior da figurinha é plana⁽²²⁾.

Dimensões: Alt.: 2,2 cm; Larg.: 1,9 cm

Cronologia: Período ptolemaico, séculos III-II a. C.



N.º 1 – Vaso cilíndrico em alabastro (Época Arcaica ou Império Antigo)

N.º 2 -

Chauabti de
Djedmontuiuefankh



Chauabtis da Época Baixa

(XXVI à XXX dinastia, séculos VII-IV a. C.)



N.º 6 – Uchebti com nome ilegível



N.º 7 – Uchebti de Tanetperet



N.º 8 – Uchebti de Padiisit (frente e costas), XXX dinastia (?)

Notas

(1) Do estudo da colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia e da sua preparação para exposição (inaugurada no dia 20 de Dezembro de 1993, assinalando os cem anos do Museu) resultou a edição do catálogo *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus, Lisboa, 1993. Não foi possível na ocasião levar o projecto editorial até ao fim, tendo a falta de verbas impedido a publicação do volume II do catálogo (com as mais de duzentas peças que ficaram nas reservas, o glossário, a bibliografia e o índice analítico) e de um guia da colecção exposta mais acessível para os visitantes. Mas com o esperado empenho da nova directora do Instituto Português de Museus, Dr^a Maria Antónia Pinto de Matos (ela própria com participação activa no comissariado executivo da exposição egípcia) e o conhecido dinamismo do novo director do Museu Nacional de Arqueologia, o Dr. Luís Raposo, espera-se que o projecto inicial possa em breve ser cabalmente realizado.

(2) Com excepção dos núcleos egípcios das colecções Miguel Barbosa, Sam Levy, Fernando Freitas Simões e Luís Teixeira da Mota, dos quais na altura não se tinha ainda conhecimento, os acervos privados existentes em Portugal foram divulgados no nosso artigo «Colecções egípcias em Portugal», em *Cadmo*, 1, 1991, pp. 237-239, e em *Antiguidades Egípcias*, I, p. 53. As estatuetas funerárias egípcias do Dr. Amaral Cabral foram publicadas no estudo «Dois chauabtis numa colecção privada portuguesa», em *Hathor: Estudos de Egiptologia*, 3, 1991, pp. 15-23, com imagens das estatuetas (pertencentes a duas damas da região tebana, Gautsechnu e Meritamom). As colecções privadas acima referidas foram já objecto de investigação entre 1993 e 1995, prevendo-se para breve a sua publicação: o acervo de Miguel Barbosa, com 28 peças, sairá no próximo número da revista *Hathor: Estudos de Egiptologia*, o acervo de Sam Levy está previsto para o próximo número de *Clio*, revista do Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa, o de Fernando Freitas Simões surgirá em *Cadmo* 6, com edição prevista para meados de 1998, e o pequeno núcleo egiptológico de Luís Teixeira da Mota, apenas com cinco objectos, está previsto para os *Cadernos de História de Arte*, com edição a cargo do Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras de Lisboa. Registe-se, finalmente, que no mencionado artigo de *Cadmo*, 1, sobre «Colecções egípcias em Portugal», foi anunciado que o núcleo egiptológico da Biblioteca Nacional de Lisboa consistia em «dois chauabtis» (p. 239): tratou-se de um lapso, pois o referido núcleo tem uma pequena estatueta em bronze representando o deus Osiris e uma estatueta funerária em faiança verde da Época Baixa (um uchebti). Estes objectos, junto com outras peças egípcias do acervo, serão brevemente divulgados na revista da Biblioteca Nacional.

(3) Foi já concretizado o estudo de dois outros acervos privados de antiguidades egípcias existentes no Norte do País que foram doados pelos seus antigos proprietários, já falecidos: a colecção Marciano Azuaga, hoje no Solar Condes de Resende em Canelas (Casa Municipal de Cultura de Vila Nova de Gaia) e a colecção Allen, pertencente à Câmara Municipal do Porto e em depósito no Museu Nacional de Soares dos Reis. A existência da pequena colecção depositada no Museu Nacional de Soares dos Reis foi-nos comunicada pelo Dr. António Huet Bachelar, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa), e a do Solar dos Condes de Resende pelo Dr. Gonçalves Guimarães, o seu actual director.

(4) A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia possui um significativo núcleo de 128 estatuetas funerárias, encontrando-se expostas 56; a Sociedade de Geografia de Lisboa, cujo acervo egiptológico ainda se encontra em fase de estudo, tem 88 chauabtis, oferecidos pelo Museu Egípcio do Cairo em 1893; o Museu de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Ciências do Porto, com a sua colecção de antiguidades egípcias também em fase de estudo e de preparação para exposição e publicação, pode orgulhar-se das suas vinte figurinhas funerárias, algumas delas com uma notória qualidade estética e com o capítulo 6 do «Livro dos Mortos» (uchebtis de Horudja e de Horiretaa, entre outros).

(5) Um excelente exemplo da produção de chauabtis em bronze é a bela imagem de Hesmeref no Museu Calouste Gulbenkian (ver Maria Helena ASSAM, *Arte Egípcia*, Colecção Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991, p. 55).

(6) Pensa-se que em alguns túmulos o número de estatuetas funerárias presentes terá chegado a 365: uma figurinha para cada dia do ano (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, p. 190; cf. Jean-Luc CHAPPAZ, *Les Figurines Funéraires du Musée d'Art et d'Histoire et de Quelques Collections Privées*, Aegyptiaca Helvetica, 10, Musée d'Art et d'Histoire, Genève, 1984, p. 3, e J.-F. AUBERT e Liliane AUBERT, *Statuettes Égyptiennes. Chauabtis, Ouchebtis*, Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, Paris, 1974, p. 141).

(7) Para a importância das divindades mencionadas e a respectiva iconografia ver, entre outros, George HART, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Routledge & Kegan Paul, Londres, Nova Iorque, 1986, nas referências a Nefertum (p. 130), Osiris (pp. 151-167), Ísis (pp. 101-107) e Bes (pp. 58-61).

(8) Ver paralelos em Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, pp. 101-102 (gravuras 21, 22 e 23) e em Wilfried SEIPEL, *Ägypten: Götter, Gräber und die Kunst, 4000 Jahre Jenseitsglaube*, Katalog zur Ausstellung, Schlossmuseum Linz, OO. Landesmuseum, Linz, 1989, pp. 48 e 51 (gravuras 19, 21 e 26).

(9) O nome de Djedmontuiuefankh, atestado a partir da XXI dinastia (início do Terceiro Período Intermediário), vem registado em Hermann RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, Verlag J. J. Augustin, Glückstadt, 1935 (I,411.3). Quanto à importância do deus Montu na região tebana ver o já mencionado George HART, *o. c.*, pp. 126-127. No seu minudente estudo sobre as estatuetas funerárias do Museu de Leiden Hans D. Schneider não assinala qualquer figurinha com este nome entre o variado espólio da XXI dinastia encontrado em Deir el-Bahari, mais precisamente em Bab el-Gussus (no chamado «segundo esconderijo»), ao contrário do estudo de Dominique Valbelle sobre os chauabtis de Deir el-Medina, onde se regista o aparecimento de estatuetas com o nome de Djedmontuiuefankh (trata-se naturalmente de um homónimo, até porque há diferenças tipológicas entre as várias formações de chauabtis com esse nome); ver Dominique VALBELLE, *Ouchebtis de Deir el-Médineh*, Documents de Fouilles, XV, Institut Français d'Archéologie Orientale, Cairo, 1972, p. 69, nº 162, com imagens na pl. XXVII (as estatuetas de Djedmontuiuefankh achadas em Deir el-Medina são consideradas como pertencentes a um período que abarca as XXI/XXII dinastias); cf. Hans D. SCHNEIDER, *Shabtis. An Introduction to the History of Ancient Egyptian Funerary Statuettes with a Catalogue of the Collection of Shabtis in the National Museum of Antiquities at Leiden*, II, Rijksmuseum van Oudheden te Leiden, 1987.

(10) Para o típico nome de Gautsechnu, muito comum durante a XXI dinastia, ver Hermann RANKE, *o. c.*, I, 350.6. Para comparação com a estatueta homónima da coleção Amaral Cabral ver Luís Manuel de ARAÚJO, «Dois chauabtis numa coleção privada portuguesa», em *Hathor. Estudos de Egiptologia*, 3, 1991, pp. 15-23; para comparação com as do Museu Nacional de Arqueologia ver *Id.*, *Antiguidades Egípcias*, I, pp. 206-207. A principal questão que esta bela estatueta coloca, é a de saber a qual das damas com este nome, proprietárias de estatuetas ou de sarcófagos encontrados na região tebana, ela pertencerá. O especialista em sarcófagos da XXI dinastia, Andrzej Niwinski, regista quatro sarcófagos inscritos com este nome feminino entre os mais de quatrocentos ataúdes catalogados que datam dessa época de produção típica (ver Andrzej NIWINSKI, *21st Dynasty Coffins from Thebes. Chronological and Typological Studies*, Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 1988, com os números 84, 92, 228 e 315). No seu «Index I» dos nomes e títulos femininos da XXI dinastia, Saphinaz-Amal Naguib enumera quatro damas com o nome de Gautsechnu: nº 76, correspondente ao sarcófago 84 da lista de Niwinski (o qual foi usurpado a Nesiamonnesuttaui, e que está hoje no Museu do Cairo); nº 77, com os títulos de dona de casa e cantora de Amon, e que se apresenta como filha do sacerdote Menkheperré, neta de Gautsechnu A e do sacerdote Tjanefer A, à qual pertence o sarcófago 228 de Niwinski; nº 78, a mais importante das damas com este nome, sendo conhecida por Gautsechnu A, filha do sumo sacerdote de Amon Menkheperré e da dama Isitemkhebi, já anteriormente mencionada como esposa de Tjanefer A, pertencendo a ela o sarcófago 92 da lista de Niwinski, onde se podem ler os seus muitos títulos: dona de casa e cantora de Amon, flautista de Mut, superiora das concubinas de Amon no terceiro grupo de serviço, superiora das concubinas de Montu; finalmente o nº 79, registando outra dama homónima com os títulos de dona de

casa e cantora de Amon-Ré, cujo sarcófago (o nº 315 de Niwinski), foi encontrado pelo egiptólogo americano H. Winlock num túmulo da região tebana (ver Saphinaz-Amal NAGUIB, *Le Clergé Féminin d'Amon Thébain à la 21e Dynastie*, Orientalia Lovaniensia Analecta, 38, Departement Orientalistiek, Ed. Peeters, Lovaina, 1990, p. 259). A verdade é que no «segundo esconderijo» de Bab el-Gussus foram encontrados chauabtis com o nome de Gautsechnu, os quais foram parar a muitas colecções públicas e privadas (incluindo casas de antiquários) de todo o mundo graças à doação feita pelo Governo egípcio em 1893 (ver AUBERT, *o. c.*, pp. 169-171). Essas estatuetas têm a particularidade de exibir apenas o nome da dama em questão, antecedido pelo nome-título de Osiris, ou pela fórmula *sehedj* («Que brilhe...», ou «Que seja iluminado...»). É pelas inscrições dos sarcófagos ou dos papiros funerários que conhecemos os títulos das várias Gautsechnu. Sem dúvida que esta dama evocada pela estatueta da colecção Assis Ferreira, cuja inscrição está algo apagada e não apresenta qualquer título, é a filha do sumo sacerdote Menkheperé (para as estatuetas congêneres do acervo de Leiden, cf. Hans SCHNEIDER, *o. c.*, p. 134, nº 4.3.1.71 e p. 141, nº 4.3.5.5).

(11) Os signos hieroglíficos iniciais, desaparecidos na inscrição, poderiam conter a tradicional fórmula *sehedj Wsir*, ou seja, «Que brilhe a Osiris», como se pode comprovar noutras estatuetas funerárias pertencentes a Gautsechnu. Quanto ao remate final, ele mostraria certamente a declaração de *maetkheru* (justificada), aqui na sua forma de ramo florido, como se pode ver nas estatuetas de Gautsechnu da colecção Amaral Cabral e do Museu Nacional de Arqueologia. Assim, a inscrição completa daria:



(12) Ver Hans D. SCHNEIDER, *o. c.*, II-III, para a tipologia 4.3.1 (chauabtis em faiança do Terceiro Período Intermediário); a fita na cabeça, com um laço atado atrás, que a figurinha exhibe, é um claro indicio da sua datação: XXI ou XXII dinastia, podendo ter sido produzida no Norte, nomeadamente no Delta, atendendo à sua cor. Segundo Aubert, as figurinhas com as mãos em posição afrontada seriam já da XXII dinastia (*o. c.*, pp. 178-179; cf. Jean-Luc CHAPPAZ, *o. c.*, p. 57, a propósito de uma estatueta funerária de um sacerdote chamado Hor, com tipologia idêntica).

(13) O nome de Pabasa, que se detecta em vários funcionários do Império Novo, torna-se depois muito comum a partir do Terceiro Período Intermediário (ver Hermann RANKE, *o. c.*, I, 107.10). Quanto ao título, não existem paralelos nas listas de Schneider ou de Chappaz; no entanto a clareza do desenho dos hieróglifos permite sem dificuldade ver um plural arcaizante a partir do signo 𓆎 , com o significado de jardim, lago, tanque (ver Sir Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª edição revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford University Press, Oxford, 1957, p. 491 (signo N37 da «Sign-list»).

(14) Ver Hans D. SCHNEIDER, *o. c.*, II-III, para a tipologia 4.3.1 (chauabtis em faiança do Terceiro Período Intermediário). O facto de a estatueta ser em faiança verde pode indiciar que a sua origem é o Delta ou a região sakariano-menfita.

(15) De facto apenas se consegue reconhecer a fórmula típica do início do texto funerário próprio desta época: «Que brilhe o Osiris...». Não foi possível encontrar qualquer paradigma que permitisse a identificação do nome do proprietário da estatueta. A tipologia é característica da Época Baixa, provavelmente da XXVI dinastia saíta (ver Hans D. SCHNEIDER, *o. c.*, II-III, para a tipologia 5.3.1, especialmente a figura nº 5.3.1.105 em III, p. 59).

(16) Ver Hans D. SCHNEIDER, *o. c.*, II-III, para a tipologia 5.3.1., especialmente as figuras nºs 5.3.1.211, 5.3.1.238 e 5.3.1.240, em III, pp. 73-74, reconhecíveis pelo corte brusco feito na terminação da peruca e da péra osírica.

(17) Para este nome feminino de Tanetperet (traduzível por «A das Sementes») ver Hermann RANKE, *o. c.*, I, 360.6. Com frequência o nome de Tanetperet inicia-se na época de que data a estatueta em questão com o signo 𓆎 como é aqui o caso. Por isso Ranke ao registar 𓆎 (p. 377) avisa:

«siehe auch t3-n.t...», e é nestes signos mencionados que as formas onomásticas deste tipo aparecem.

(18) Para o nome de Padiisit (também divulgado na sua forma grega de Petisis) ver Hermann RANKE, *o. c.*, I, 121.18. Tal como uma estatueta funerária homónima do Museu de Leiden, também este exemplar em faiança azul escura poderia ser da região menfita (ver Hans D. SCHNEIDER, *o. c.*, II, p. 173, estatueta 5.3.1.111, proveniente da necrópole de Sakara e datada da XXX dinastia, com imagem em III, p. 68). O mencionado exemplo, colhido em Schneider, apresenta o texto gravado em T na posição frontal, mas outras estatuetas da época mostram, como o exemplar da colecção Assis Ferreira, o texto gravado nas costas: ver ainda em Schneider os nºs 5.3.1.131 (p. 177 e III, p. 69), 5.3.1.136 (pp. 178-179 e III, p. 69), 5.3.1.150 (p. 182 e III, p. 70), 5.3.1.161 (p. 184 e III, p. 71), entre outros. Mas um dos mais notáveis exemplos de um uchebti de bons acabamentos e com o texto gravado no pilar dorsal pode ser apreciado em Gun BJÖRKMAN, *A Selection of the Objects in the Smith Collection of Egyptian Antiquities at the Linköping Museum, Sweden*, Bibliotheca Ekmaniana, Universitatis Regiae Upsaliensis, Almqvist & Wiksell, Estocolmo, 1971, p. 34, nº 31, com gravura na plate 7 (frente e costas). A maioria dos exemplares com as características acima descritas são oriundos do Norte do Egipto, ou da região sakariano-menfita ou do Delta. No entanto, o facto de o nosso defunto se apresentar com o título de sacerdote de Amon (*hem-netjer en Amon*) leva a atribuir a origem da estatueta à região tebana, a qual readquiriu alguma importância durante a derradeira XXX dinastia, com os faraós Nakhthnebef (Nectanebo I) e Nakhthorheb (Nectanebo II).

(19) A colecção de antiguidades egípcias do Museu Nacional de Arqueologia possui uma estatueta em bronze representando Nefertum, embora em mau estado de conservação (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, p. 352). Tal como o exemplar que aqui apreciamos, também a figura do Museu Nacional de Arqueologia, muito erodida, perdeu já o elemento iconográfico que se elevava sobre a coroa de lótus de Nefertum, ao contrário do que sucede com um exemplar do Museu Allard Pierson, em Amesterdão, praticamente intacto (ver W. M. van HAARLEM e R. A. LUNSINGH SCHEURLEER, *Gids voor de Afdeling Egypte*, Allard Pierson Museum, Amesterdão, 1986, p. 65, com imagem em pl. VIII, p. 96).

(20) Imagens completas, em bronze, da deusa Ísis amamentando o seu filho Hórus podem ser apreciadas na colecção egípcia do Museu Nacional de Arqueologia (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, pp. 346 e 349). Também em Gunther ROEDER, *Ägyptische Bronzefiguren*, Staatliche Museen zu Berlin, Mitteilungen aus der Ägyptischen Sammlung, VI, Berlin, 1977, e, em xisto, Wilfried SEIPEL, *o. c.*, p. 154, gravura 120; ver ainda Rosalie DAVID, *The Macclesfield Collection of Egyptian Antiquities*, Aris & Phillips, Warminster, 1980, plates H, nº 11.

(21) Para a simbologia dos típicos ceptros de Osiris (*nekhakha* e *hekat*), ver, além do já mencionado George HART, *o. c.*, também Manfred LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt. An illustrated dictionary*, Thames and Hudson, Londres, 1980, p. 43 (Crook) e p. 52 (Flail). Boas imagens de Osiris em bronze podem ser apreciadas no Museu Nacional de Arqueologia (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, pp. 343-344) e no Museu Calouste Gulbenkian (ver Maria Helena ASSAM, *o. c.*, p. 77); ver ainda Wilfried SEIPEL, *o. c.*, p. 146, gravura 110, para uma representação em bronze, p. 147, gravura 111 (em calcário), p. 148, gravura 112 (em ouro) e p. 149, gravura 113 (em xisto verde), e também Rosalie DAVID, *o. c.*, plates H, nº 15.

(22) Imagens do deus Bes em faiança estão expostas no Museu Nacional de Arqueologia e descritas no respectivo catálogo (ver Luís Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, p. 257, gravuras 164, 165 e 166).

Bibliografia

- Cyril, ALDRED, *Egyptian Art in the Days of the Pharaohs, 3100-320 BC*, Thames and Hudson, Londres, 1980.
- Luis Manuel de ARAÚJO, *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Instituto Português de Museus, Lisboa, 1993.
- Luis Manuel de ARAÚJO, «Chauabtis do Museu Nacional de Arqueologia», em *Revista da Faculdade de Letras*, 12, 5ª série, Lisboa, 1989, pp. 59-72.
- Luis Manuel de ARAÚJO, «Colecções egípcias em Portugal», em *Cadmo*, 1, Revista do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, Lisboa, 1991, pp. 237-239.
- Luis Manuel de ARAÚJO, «Dois chauabtis numa colecção privada portuguesa», em *Hathor: Estudos de Egiptologia*, 3, Edições Cosmos, Lisboa, 1991, pp. 15-23.
- Maria Helena ASSAM, *Arte Egípcia*, Colecção Calouste Gulbenkian, Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1991.
- J.-F. AUBERT, «Chauabtis, Chabtis et Ouchebtis», em *Chronique d'Égypte*, LIV/107, Fondation Egyptologique Reine Elisabeth, Bruxelas, 1979, pp. 57-72.
- J.-F. AUBERT e Liliane AUBERT, *Statuettes Égyptiennes. Chauabtis, Ouchebtis*, Librairie d'Amérique et d'Orient Adrien Maisonneuve, Paris, 1974.
- Gun BJÖRKMAN, *A Selection of the Objects in the Smith Collection of Egyptian Antiquities at the Linköping Museum, Sweden*, Bibliotheca Ekmaniana, Universitatis Regiae Upsaliensis, Almqvist & Wiksell, Estocolmo, 1971.
- José Nunes CARREIRA e Luis Manuel de ARAÚJO, «Chauabtis da Sociedade de Geografia de Lisboa», em *Revista da Faculdade de Letras*, 10, 5ª série, Lisboa, 1988, pp. 13-23.
- Jean-Luc CHAPPAZ, *Les Figurines Funéraires Égyptiennes du Musée d'Art et d'Histoire et de Quelques Collections Privées*, Les Éditions de Belles-Lettres, Aegyptiaca Helvetica, 10, Musée d'Art et d'Histoire, Genève, 1984.
- Rosalie DAVID, *The Macclesfield Collection of Egyptian Antiquities*, Aris & Philips, Warminster, 1980.
- Sir Alan GARDINER, *Egyptian Grammar, being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*, 3ª edição revista, Griffith Institute, Ashmolean Museum, Oxford University Press, Oxford, 1957.
- W. M. van HAARLEM e R. A. LUNSINGH SCHEURLEER, *Gids voor de Afdeling Egypte*, Allard Pierson Museum, Amsterdão, 1986.
- George HART, *A Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*, Routledge & Kegan Paul, Londres, Nova Iorque, 1986.
- Manfred LURKER, *The Gods and Symbols of Ancient Egypt. An illustrated dictionary*, Thames and Hudson, Londres, 1980.
- Saphinaz-Amal NAGUIB, *Le Clergé Féminin d'Amon Thébain à la 21e Dynastie*, Orientalia Lovaniensia Analecta, 38, Departement Orientalistiek, Ed. Peeters, Lovaina, 1990.
- Percy NEWBERRY, *Funerary Statuettes and Model Sarcophagi*, Catalogue Général du Musée du Caire (CGC 46530-48575), Cairo, 1930-1957.
- Andrzej NIWINSKI, *21st Dynasty Coffins from Thebes. Chronological and Typological Studies*, Philipp von Zabern, Mainz am Rhein, 1988.

- George POSENER (dir.; em colaboração com Serge Sauneron e Jean Yoyotte), *Dictionnaire de la Civilisation Égyptienne*, Ed. Fernand Hazan, Paris, 1970.
- Hermann RANKE, *Die Ägyptischen Personennamen*, I, Verlag J. J. Augustin, Glückstadt, 1935.
- Gunther ROEDER, *Ägyptische Bronzefiguren*, Staatliche Museen zu Berlin, Mitteilungen aus der Ägyptischen Sammlung, VI, Berlin, 1977.
- Hans D. SCHNEIDER, *Shabtis. An Introduction to the History of Ancient Egyptian Funerary Statuettes with a Catalogue of the Collection of Shabtis in the National Museum of Antiquities at Leiden*, I-III, Rijksmuseum van Oudheden te Leiden, Leiden, 1987.
- Wilfried SEIPEL, *Ägypten: Götter, Gräber und die Kunst, 4000 Jahre Jenseitsglaube*, Katalog zur Ausstellung, Schlossmuseum Linz, OO. Landsmuseum, Linz, 1989.
- Harry H. STEWART, *Egyptian Shabtis*, Shire Egyptology, 23, Shire Publications, Princes Risborough, 1995.
- Dominique VALBELLE, *Oucheftis de Deir el-Médineh*, Documents de Fouilles, XV, Institut Français d'Archéologie Orientale, Cairo, 1972.